



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

FRANTZ FANON: NOTAS PARA UMA CLÍNICA DECOLONIAL E ANTIRRACISTA

Lívia Maria Gama Lima¹; Diego Arthur Lima Pinheiro²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
lisiamgl@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
dalpinheiro@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Frantz Fanon; clínica antirracista; descolonialidade.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “Frantz Fanon: notas para uma clínica decolonial e antirracista”, vinculada ao projeto de pesquisa “Poderes de normalização, saberes da norma: a formação psi em questão”, buscou analisar os elementos distribuídos nas obras de Frantz Fanon que permitem construir uma clínica contemporânea antirracista e descolonial. Como objetivos específicos, a pesquisa dedicou-se a entender a relação entre colonização e sofrimento psíquico nas obras de Frantz Fanon; compreender os entraves do regime colonial-capitalístico no inconsciente das pessoas negras; identificar os elementos que compõem a proposta de construção de uma clínica descolonial para Frantz Fanon e pensar o sofrimento psíquico das pessoas negras a partir de uma leitura interseccional de raça, gênero, classe e sexualidade. Exceto o último, parcialmente concluído, todos os objetivos específicos foram concluídos. Para alcançar os objetivos, foram privilegiadas as obras “Pele negra, máscaras brancas” (1952/2020), “Os condenados da terra” (1961/2006) e “Racismo e cultura” (1956/2018) de Frantz Fanon. Como referências complementares, foram utilizadas produções dos seguintes autores: Lucas Veiga, Achille Mbembe, Grada Kilomba, Suely Rolnik, Nelson Maldonado-Torres e Conceição Evaristo.

As produções de Frantz Fanon foram os principais referenciais para a construção dessa pesquisa devido ao seu trabalho de grande relevância acerca de temas voltados para a saúde mental, saúde coletiva, raça, loucura e outros. Frantz Fanon (1925-1961) nasceu na Martinica, antiga colônia francesa, e foi um filósofo, médico psiquiatra e ativista que atuou frente às lutas antirracista, anticolonial, antimanicomial e participou ativamente na luta por independência da Argélia (Faustino; Oliveira, 2020). Por ser um referencial nos estudos acerca dos impactos do racismo na produção de subjetividade das pessoas negras, os estudos de Fanon foram essenciais para a consolidação dessa pesquisa, visto que deram materialidade para o problema desta, que corresponde a pensar como construir uma clínica contemporânea que promova a descolonização do inconsciente a partir das obras de Frantz Fanon. Dessa maneira, essa pesquisa foi desenvolvida como um ensaio, visto que buscou localizar elementos, principalmente nas obras de Fanon, que nos ajudam a

construir uma clínica contemporânea comprometida com a insurreição, antirracista e decolonial.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Para realização da pesquisa, o método adotado foi de revisão bibliográfica. Portanto, foi realizada a seleção das obras primárias de leitura e análise de Frantz Fanon, a saber: “Pele negra, máscaras brancas” (1952/2020), “Os condenados da terra” (1961/2006) e “Racismo e cultura” (1956/2018). Os seguintes referenciais complementares também foram selecionados: “Clínica do impossível” (2022) e “Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta” (2019) de Lucas Veiga, “Crítica da razão negra” (2014) de Achille Mbembe, “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” (2020) e “Desobediências poéticas” (2019) de Grada Kilomba, “Esferas da insurreição” (2018) de Suely Rolnik, “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas” (2018) de Nelson Maldonado-Torres e “A escrevivência e seus subtextos” (2020) de Conceição Evaristo. Os materiais foram selecionados após uma leitura que permitiu identificar a pertinência à temática trabalhada na pesquisa, que corresponde à leitura exploratória e seletiva. Em seguida, foi realizada a leitura analítica afim de sistematizar as principais ideias abordadas nas obras, com a leitura analítica sendo realizada a seguir com a seleção e análise das discussões pertinentes ao objetivo e problema dessa pesquisa (Gil, 2008).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Nessa pesquisa, foi possível elencar meios através dos quais pode-se construir uma clínica antirracista e decolonial a partir de Frantz Fanon, comprometida com a descolonização do inconsciente e que produz a reapropriação dos componentes da subjetividade das pessoas negras mediante os efeitos do racismo. Para desenvolver essa discussão, é preciso considerar o conceito de raça que, de acordo com Achille Mbembe (2014), é construído durante um longo processo histórico e cultural no qual o corpo racializado é o negro. A esses atributos estão incumbidas as representações do negativo, e a violência colonial direcionada aos povos não europeus é realizada em nome da humanidade e civilização que considera esses grupos como símbolos de uma vida vegetal e limitada (Mbembe, 2014). O racismo é entendido enquanto uma maneira sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, afirma Silvio Almeida (2019). Fanon (2018) enuncia que o racismo é uma explicação emocional afetiva e, por vezes, intelectual da inferiorização dos corpos e cultura negros (Fanon, 2018). Partindo dessa premissa, o pensamento decolonial considera a importância de superar a colonialidade, definida como “uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (Maldonado-Torres, 2018, p. 9). A colonialidade tem impactos na dominação de territórios geográficos mas também dos pensamentos, sentimentos, comportamentos, isto é, dos territórios existenciais (Veiga, 2019). Portanto, a descolonização do inconsciente mencionada por Suely Rolnik (2018) diz respeito ao desenvolvimento de estratégias que viabilizem novas formas de vida.

Fanon (2020, p. 151) ressalta que “o negro sofre em seu corpo de forma diversa do branco”. Neusa Santos Souza (2021) destaca que no contexto brasileiro as pessoas negras são desumanizadas, animalizadas e reduzidas à instância biológica. Veiga (2021)

afirma que o sofrimento psíquico decorrente do racismo pode aparecer na clínica - não reduzida ao setting analítico- em forma de auto-ódio, complexo de inferioridade, perda de sentido da vida, comportamentos autodestrutivos e outros. Fanon (2020), reafirma a importância de não individualizar o sofrimento psíquico que chega à clínica porque as questões que atravessam os corpos das pessoas negras são coletivas e se singularizam em cada um de diferentes formas. Nesse sentido, também é importante apontar que mesmo diante dessa realidade social marcada pelo racismo, é possível se reapropriar da autonomia. Então, cabe a conscientização das questões raciais presentes e, para além disso, promover movimentos de enfrentamento que se dão a partir da organização de estratégias através dos afetos para agir diante dessa realidade.

O racismo é uma das engrenagens do regime colonial-capitalista contemporâneo que distancia as pessoas negras daquilo que podem enquanto potência de ação e criação de novas formas de vida, dos afetos, da linguagem, da imaginação, da memória (Rolnik, 2018). Então, a clínica é o espaço que pode promover tal reapropriação. Uma das estratégias, através da clínica, é de reapropriação do Pretuguês (Gonzales, 2020), do *black language* (Baker-bell, 2020), do crioulo (Glissant, 2022), da Escrevivência (Evaristo, 2020) e outras formas de linguagem, isto é, do que pode constituir matéria de expressão em que podem ser utilizadas músicas, poemas, contos e outros. Fanon (2020, p. 31) afirma que “existe no domínio da linguagem uma potência extraordinária”. Além disso, Grada Kilomba (2020) desenvolve um trabalho voltado para a recomposição da memória e o faz através da arte. Exposições, performances, instalações, textos, leituras cênicas e outras formas de expressão são dispostas para compartilhar conhecimento e reforçar a criação de outros modos de vida. O que Kilomba (2020) busca é proporcionar experiências desalienantes. Além disso, também reafirma a importância das discussões acerca das múltiplas opressões que atravessam a subjetividade das mulheres negras.

A conexão da clínica com outras áreas formulada a partir de experimentações podem ser percebidas em Fanon na abertura para a experimentação na sua atuação no hospital de Saint-Alban, citada por Tosquelle (2024). Fanon (2020) reconhece a potencialidade das pessoas negras e não as subjuga aos lugares impostos pelo racismo. Ao contrário, produz, vive e é afetado pelos questionamentos que não cessa a fazer. Fanon (2020, p. 242) clama: “Ó meu corpo, faz de mim sempre um homem que questiona!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Essa pesquisa conseguiu considerar elementos que podem compor uma clínica decolonial e antirracista a partir de Frantz Fanon. Esses elementos correspondem ao reconhecimento do inconsciente colonial-capitalista enquanto produtor de subjetividade, ou seja, de modos de vida. Na clínica aqui pensada de maneira ampliada, destaca-se a importância de reconhecer a coletividade nas questões raciais que atravessam as pessoas negras, promovendo a reapropriação da linguagem, da potência de ser, da memória, da imaginação e outros. Portanto, cabe também o aprofundamento das questões interseccionais vividas pelas pessoas negras. Essa pesquisa é interessante para a psicologia por contribuir com os estudos raciais na área, além de perspectivar as pessoas negras como potentes sujeitos políticos, não resultados finitos dos sistemas coloniais e escravocratas. Nesse sentido, reitera a importância da implicação ética em psicologia,

além de permitir a visualização de formas materiais de atuação psi prática, reconhecendo sua necessidade de conexão com a literatura, a música, a arte, isto é, com os afetos.

REFERÊNCIAS

- BAKER-BELL, A. 2020. Dismantling anti-black linguistic racism in English language arts classrooms: Toward an anti-racist black language pedagogy. *Theory Into Practice*, v. 59, n. 1, p. 8-21. Disponível em http://www.blackfeministpedagogies.com/uploads/2/5/5/9/25595205/dismantling_anti_black_linguistic_racism_in_english_language_arts_classrooms_toward_an_anti_racist_black_language_pedagogy.pdf. Acesso em 26 ago 2024.
- EVARISTO, C. et al. 2020. A escrevivência e seus subtextos. In: Duarte, C, Nunes, I, organizadores. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46. Disponível em <https://itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em 02 ago 2024.
- FANON, F. 2006. Os condenados da terra. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- FANON, F. 2020. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora.
- FANON, F. 2018. Racismo e cultura. *Revista Convergência Crítica*. n. 13. Dossiê: Questão ambiental na atualidade. Disponível em <https://periodicos.uff.br/convergenciacratica/article/view/38512/22083>. Acesso em 26 ago 2024.
- FAUSTINO, D; OLIVEIRA, M. 2020. Frantz Fanon e as máscaras brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN)*, v. 12, Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1110/942>. Acesso em 27 ago 2024.
- GIL, A.C. 2008. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed. São Paulo: Atlas.
- GLISSANT, É. 2022. "Poética natural, poética forçada" In: SANTOS, T.; AMARAL, H. *Revista Criação & Crítica*, n. 32, p. 149-161. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/194879/184596>. Acesso em 02 ago 2024.
- GONZALEZ, L. 2020. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Zahar Editora.
- KILOMBA, G. 2020. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó.
- ROLNIK, S. 2018. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições.
- SOUZA, N. S. 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal.
- TOSQUELLES, François. Uma política da loucura: e outros textos. Sobiñfluencia Edições, 2024.
- VEIGA, L. 2021. Clínica do impossível: Linhas de fuga e de cura. Rio de Janeiro: Telha.